

FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA: POR QUE A PREDOMINÂNCIA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO?

Cauane Moura

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: cauane.moura6@gmail.com)

Emilly Gonçalves

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: emillyfutura5@gmail.com)

Thais da Silva Sousa

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: thais336@gmail.com)

Aderineide Ferreira Honorato

Professora orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: aderineide@gmail.com)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo de analisar os motivos de somente uma minoria de profissionais masculinos terem acesso a sala de aula, ocorrendo a predominância de mulheres na educação. Propõe-se a verificar a relação principal da mulher na educação, se inteirando sobre a construção do feminino na sociedade bem como, os fatos que levam a profissão docente ser em sua maioria composta por mulheres. Mediante o posto, indaga-se neste estudo: Qual o motivo desse percentual entre homens e mulheres não se igualar no contexto autal? Para responder a estas indagações optou-se pela metodologia de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo onde, professores são entrevistados relatando seu entres e realizações ao atuarem na área da educação, trazendo um possível debate e argumentação referente a essa profissão que é de extrema importância e ao mesmo tempo vem sendo desvalorizada.

Palavras-chave: Profissionalismo. Preconceitos. Igualdade.

FEMINIZATION OF TEACHING: SUPREMACY OF WOMEN IN EDUCATION

ABSTRACT

This research aims to analyze the reasons why only a minority of male professionals have access to the classroom, occurring the predominance of women in education. It is proposed to verify the main relationship of women in education, learning about the construction of the feminine in society as well as the facts that lead the teaching profession to be in its own composed of woman. Through the post, this study asks: What is the reason this percentage between men and women does not equal in the autal context? To answer these questions we opted for the methodology of

bibliographic research and field research where teachers are interviewed reporting their skills and achievements when working in the area of education, teaching. Bringing a possible debate and argumentation regarding this profession that is extremely important and at the same time is being devalued.

Keywords: Learning. Playful Strategies. Skills.

INTRODUÇÃO

É nítido que a maioria dos docentes são do gênero feminino, a mulher em todo contexto histórico da humanidade busca oportunidades e conhecimentos. Na sala de aula a mulher encontra este espaço com melhor acolhimento, sendo esse um dos maiores fatores para ter o maior índice de mulheres lecionando. Porém, ainda não tem o reconhecimento merecido.

Os homens, em sua maioria são quem devem de forma tradicional sustentar o lar, devido a desvalorização da profissão do docente, com salário que muitos consideram baixo, optaram por seguir outras carreiras. Destaca-se que os homens escolhem e permanecem nesta carreira, acabam complementando sua renda com outras áreas, além da sala de aula, somando-se a isto, as dificuldades de aceitação da sociedade, assim ocorrendo a exclusão dos homens na docência.

No século XIX a imagem feminina era retratada como intelectualmente inferior, as mulheres eram excluídas do ensino escolar, sendo ensinadas a serem apenas donas de casa, a função docente era voltada apenas aos homens, houve algum processo que acarretou nessa mudança visual na aceitação das mulheres nas instituições de ensino escolar. Mediante o posto, indaga-se neste estudo: Qual o motivo desse percentual entre homens e mulheres não se igualar no contexto atual?

Assim, com o objetivo de analisar os motivos de somente uma minoria de profissionais masculinos terem acesso a sala de aula, ocorrendo a predominância de mulheres na educação. Propõe-se a verificar a relação principal da mulher na educação, se inteirando sobre a construção do feminino na sociedade bem como, os fatos que levam a profissão docente ser em sua maioria composta por mulher. Como ocorre o preconceito com os homens que decidem seguir esta carreira. Identificando o motivo das críticas de exclusão, fazendo gênero masculino optar por outras categorias fora da sala de aula devido a falta de inclusão profissional.

2 MULHER NA EDUCAÇÃO – CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

No século XIX as mulheres eram vistas como minoria, acreditava-se que a única função da mulher era cuidar do lar, sendo assim não era comum a presença feminina no âmbito escolar, somente a partir do ano de 1827 foi promulgada a lei geral que as mulheres foram autorizadas a ingressar nos colégios e estudarem além da educação primária.

Destaca-se que nesta Lei de 15 de outubro de 1827 veio também determinar, no seu artigo 1º, que as Escolas de Primeiras Letras (hoje, ensino fundamental) deveriam ensinar, para os meninos, a leitura, a escrita, as quatro operações de cálculo e as noções mais gerais de geometria prática. Às meninas, sem qualquer embasamento pedagógico, estavam excluídas as noções de geometria. Aprenderiam, sim, as prendas (costurar, bordar, cozinhar etc) para a economia doméstica (MARTINS, 2001).

Durante mais da metade do século a figura masculina era predominante na docência, muitos optam pela profissão devido a status, salário ou até mesmo por causa da religião, afinal o professor era tido como sagrado, e uma pessoa normalmente recatada que prezava pela sua imagem superior, pressupunha que ele carregava todo o conhecimento e formava os alunos de acordo com a expectativa da sociedade elitista da época.

A separação dos sexos era defendida. A coeducação, no século XIX, era considerada pela sociedade, do ponto de vista moral, uma questão perigosa. Se a frequência à Escola Normal era tida como prejudicial à mulher, a ocupação de cargos de decisão não era aconselhada para as moças, pois era considerado incompatível com sua condição. Difundia-se a ideia de que as aulas podiam ser regidas por homens ou mulheres, mas a direção do estabelecimento deveria ser confiada a um homem (NACIMENTO, et al, 2018, p.44).

No passado as mulheres eram consideradas inferiores, sendo assim pouquíssimas tinham oportunidade de entrar no mercado de trabalho, principalmente na área da educação, por ser visto por muitos cidadãos como um cargo de prestígio, sendo considerado uma função autoritária e regida pelo machismo patriarcal, a visão da sociedade, era somente que a figura feminina devia ser uma dona de casa e cuidar das funções domésticas, sendo considerada um sexo frágil que não poderia ensinar de forma funcional as crianças, por não ter “controle das emoções”. Para a sociedade

da época, a mulher que tinha que manter seu lar com um trabalho era considerada de classe baixa, no século somente mulheres brancas e de classe alta poderiam se encaixar de alguma forma nos trabalhos fora de casa com supervisão de um homem.

Na sociedade dividida pelos ideários do gênero, a mulher passa a ganhar uma função externa e específica “condizente” com o gênero feminino: o cuidado e a educação das crianças pequenas. Porém, esse fato não significa que a nova função venha a igualar-se às funções do homem, pai e provedor da família (BAHLS, et al; 2019, p.3).

Desde o início da escolarização no Brasil, de forma estrutural o título de docente era bastante concorrido e celetista, pois entendia-se que quem educava e preparava os discentes para adentrar a sociedade devia ser um homem que conseguiria impor autoridade e ao mesmo tempo ser regido pela religião que era predominante na época, acreditava-se que o sexo masculino como professor conseguiria preparar os meninos para o mercado de trabalho e sociedade através do ensino tradicionalista que enaltecia o patriarcado e se embasava na religião, principalmente da igreja católica que tinha bastante soberania na época (SOUZA; MELO (2018).

Após anos sem conter a presença feminina na educação esse pensamento começou a ser mudado de forma que beneficiava a política e econômica do País, afinal como as mulheres não tinham um local e permissão para se profissionalizar, deu-se início a teoria que toda mulher de certa forma já nasce pronta para cuidar e educar as crianças de forma natural, o que foi inserido no pensamento da sociedade e fez com que a profissão começasse a ser desvalorizada e considerada inferior, com a inserção das mulheres nas instituições escolares o salário começou a ser bem mais baixo beneficiando somente ao governo da época (SOUZA; MELO, 2018).

A partir desse ponto a função do docente começou a ser precarizadas, pois os homens começaram a sair dos cargos nas escolas para ingressarem em outras carreiras com o salário melhor devido ter a responsabilidade de sustento do lar, então a educação foi se tornando cada vez mais um espaço feminino, é importante ressaltar que o cargo de professora sempre foi ligado ao laço maternal, já que a mulher poderia dar aula e de certa forma se preparar para ser mãe.

O processo de inserção da mulher no magistério se deu a partir de uma necessidade política/econômica, pois

havia diferença salarial entre o sexo masculino e feminino. Também não se pode negar a influência da religião, pois o magistério passou a ser visto como uma profissão por excelência feminina, sustentada pela ideia de que a mulher era “naturalmente” preparada para cuidar das crianças pequenas (MELO, et al, 2018, p.3).

Assim que sancionada a lei que dava ao direito das mulheres de se formarem e iniciarem uma carreira docente, foi um período de adaptação e aceitação bastante discriminado e turbulento, a sociedade não via com bons olhos pois a imagem feminina era associada à um padrão imposto na época, fazendo com que as próprias mulheres não aceitassem a ideia de lecionar que se tornou um pensamento distante pois era bastante problematizado o fato de mulheres como formadoras de futuros cidadãos de ambos os sexos.

Segundo Feitosa (2017) durante o processo de aceitação que foi bastante conturbado, deu-se início a valorização da mulher na formação de alunos, pois o gênero feminino sempre foi ligado à figura maternal, trazendo assim de certa forma uma segurança aos pais dos alunos, eles acreditavam que a mulher como lecionadora poderia tratar os discentes de forma passiva, amável e respeitável que era o contrário do que viam no gênero oposto já que naturalmente o homem é considerado ríspido e rigoroso, fazendo assim com que não passasse segurança aos pais.

A ideia da imagem maternal nas instituições escolares começou a ser aceita na visão dos pais e do governo, pois como antes eram desprovidas do benefício de trabalhar fora do lar, economicamente o patriarcado da época se beneficiava, pois, o salário para o gênero feminino poderia ser menor afinal não tinham tantas formações e experiências (FEITOSA, 2017).

Então a aceitação genuína das mulheres começou a partir do século XX, pois muitas delas começaram a demonstrar um ótimo desempenho no seu trabalho e buscar mais formação acadêmica, dessa forma começaram a reconhecer o trabalho da professora como realmente necessário. Mesmo que de certa forma as mulheres foram aceitas na educação a cobrança sobre elas ainda era mais do que a dos homens, pois deviam seguir uma conduta extremamente ética que envolvia sua vida profissional e pessoal, inclusive suas roupas eram julgadas sua forma de fala e até o horário que andavam nas ruas, devido a essas cobranças a maioria das professoras eram senhoras de idade que normalmente não tinha filhos ou eram casadas.

A construção da identidade profissional das professoras de educação infantil no Brasil se constituiu sob a égide do processo de feminização do magistério, que criou o estereótipo da figura feminina como sendo naturalmente dotada de atributos que lhe conferiam a função de educadora por excelência. (MELO, et al, 2018, p.10).

O magistério conseqüentemente se tornou um local majoritariamente feminino, pois os homens vendo a desvalorização da profissão começaram a se expandir para em busca de novas formações, afinal o baixo salário era prejudicial a função de provedor do sustento da família e com o início da industrialização forma surgindo de aptos para os homens. Os poucos professores do gênero masculino que permaneceram em sala de aula sofriam com a discriminação e rejeição dos pais, estava constantemente tendo a sua capacidade questionada, afinal a sociedade comeu a desvincular a imagem masculina da função.

Apesar da composição majoritariamente feminina no magistério com as crianças pequenas, não podemos afirmar a total ausência de professores do gênero masculino nesse espaço. Por outro enfoque, o fato de professores homens emergirem como docentes nesses ambientes acaba gerando estranhamento e, em muitos casos, a negação por parte da comunidade escolar, da família das crianças e, ainda, dos próprios funcionários dessas instituições que contam com professores homens no quadro docente (BAHLS; 2015, p.244).

Agora com a grande maioria sendo mulheres na escola ocasionou com que os poucos professores da instituição fossem excluídos de forma não intencional, afinal os interesses e afinidades entre elas era maior do que com um profissional do gênero oposto, tornando assim desconfortável a permanência deles na função. Sendo assim deu início a supremacia das mulheres na educação.

O ensino tradicionalista foi imposto pelo patriarcado que era bem presente nas comunidades escolares, o ensino da mulher era bem mais concentrado na aprendizagem já com os homens era algo mais rigoroso e preparando para o trabalho em sociedade. Os gêneros masculinos de certa forma começaram a ser motivo de insegurança para os pais, a figura de um homem é considerada rigorosa demais para crianças. De acordo com Bahls existem sim professores do gênero masculino na área, mas eles estão constantemente se provando, tendo seu trabalho questionado, o que acaba sendo desconfortável e até mesmo constrangedor, mostrando assim o quanto ainda existe a predominância e facilidade da docência feminina.

“Além disso, à medida que voltamos nossa atenção para o mercado de trabalho docente, percebemos que os professores "homens" são deixados de fora, tendo alguns motivos: As mulheres se preocupam mais com as crianças do que os homens; A pedofilia está ligada à imagens masculinas; os pais não aceitam que seus filhos sejam educados por homens.” (SANTOS, 2015).

Até os dias atuais ainda se tem pouquíssimos professores inseridos diretamente na educação, o cenário permanece quase que igual a algumas décadas, ainda são raros nesse âmbito e quando se vê ou é o diretor ou exerce alguma outra função dentro da instituição na qual não envolve sala de aula. Quando ocorre de se ter existe um grande supervisionamento desse profissional, ou tem-se a marcação dos pais com aquele ele.

“Na esteira dessa representação, nas ciências exatas, predominam homens, e nas ciências humanas, as mulheres são maioria. Não podemos deixar de sublinhar que esses encaminhamentos sociais e culturais produzem e são produzidos em meio a discursos e representações que buscam afirmar e reafirmar estereótipos culturais, os quais fixam, em determinados papéis e funções, os lugares de homens e de mulheres” (JACQUES et al; 2017, p.546).

E verídico que na educação nunca se igualou a percentagem de gêneros como docentes, de acordo com o Jacques ao ser analisados os documentos que regem a educação, foi notado que não existe preferência ou imposição de gênero para atuar no ensino, sendo assim esse estereótipo somente feminino na educação foi criado exclusivamente por algo imposto, ainda visto no cotidiano que as professoras devem manter esse papel maternal sendo utilizado termos como tia entre outros acarretando assim uma visão pouco benéfica para o cargo que não é tratado com a excelência devida.

Assim sendo, é válido afirmar que, devido a essas questões, a profissão docente, sobretudo na educação infantil e nos anos iniciais, cujo público docente é constituído majoritariamente por mulheres, passou a ser desvalorizada, uma vez que tanto o termo tia quanto outros associados a essas etapas de educação, trazem em seu bojo a falsa concepção de que qualquer mulher pode ser uma professora (MELO, et al, 2018, p.8).

Através desta revisão verificou-se que a percentagem de homens e mulheres é pouco provável que irá se igualar algum dia, devido as diversas oportunidades que os homens recebem, e à visão da mulher como professora está inserida de forma estrutural na sociedade porem com algumas oportunidades e concurso que estão ocorrendo na atualidade é possível verificar a minoria dos homens entrando na função.

O tema retratado tem como objetivo trazer informações e dados referente a esse assunto, que ainda nos dias de hoje tem sido visto na educação como um trabalho direcionado mais para as mulheres.

A partir da segunda metade do século XX, tem-se constatado no Brasil um crescente número de mulheres inseridas na carreira do magistério. Outrossim, como em inúmeros outros países, o magistério é uma atividade profissional considerada predominantemente feminina, visto que é perceptível que as mulheres representam a maioria na educação infantil. A feminização do magistério é um fato consumado e já percebido por todos. Mesmo diante dos questionamentos acerca das razões que levam as mulheres a escolher tal profissão, compreende-se que hoje as escolhas podem estar intrínsecas às mesmas razões que as mulheres do século XIX apresentavam mediante as escolhas pela profissão. Sendo assim, nas escolas é perceptível facilmente a predominância feminina nas atribuições professoras, psicopedagogas, secretárias, enfim, em todas as funções (SANTANA et al; 2014, p.1970).

Para complementação da pesquisa realizou-se entrevistas com objetivo de ter acesso a relatos e experiências de docentes do sexo masculino e quais foram suas maiores dificuldades e o que os motivaram a atuarem na área de educação e assim trazendo relatos atuais acerca do docente nas escolas, e trazendo embasamento a pesquisa.

Primou-se o estudo da desvalorização da profissão docente, trazendo de forma bibliográfica o quanto o trabalho de professora foi e ainda é considerado de baixas expectativas, por estar ocupado maioritariamente, pelo sexo feminino e ser considerado um trabalho simples, tocando um pouco no tabu do machismo estrutural, onde se a mulher é a maioria, logo não se deve ter um reconhecimento.

De acordo com Araújo e Jorge (2021) até os dias atuais a mulher é tratada como sexo frágil, sendo assim essa baixa expectativa salarial está ligada devido ser uma função considerada feminina, as mulheres no Brasil ainda recebem 30% a menos que os homens mesmo as vezes fazendo a mesma função. Então nosso tema estará

se inserindo em cada umas das problemáticas acima, para chegar uma conclusão de forma que seja benéfica e sem excluir nenhum dos lados.

2.1 As Principais razões que acarretaram na feminização na Educação

A feminação da Educação se deu devido a esse pensamento involuído de que as mulheres são naturalmente preparadas para cuidar, sendo assim com uma visão de supostamente para ajudar e inserir mulheres no mercado de trabalho foi dado a oportunidade de uma maior facilidade para trabalhar em Instituições escolares, com a grande percentagem delas presente no ensino infantil o cargo de docente de crianças e jovens foi sendo desvalorizado, o que foi uma consequência do preconceito majoritário das pessoas, os homens que continuaram a insistir em atuar no ensino básico ainda hoje é tratado com indiferença e passa por dificuldades de aceitação de pais e superiores.

De acordos com estudos bibliográficos, na educação básica, ou seja, no ensino infantil e ensino fundamental a um número visível onde a maioria dos educadores serem do sexo feminino, já que desde o princípio da escolarização de crianças. Como: “visto as mulheres como mais afetuosas e capazes de ensinar e educar os alunos devido a ser visto como um talento nato das mulheres lidar com crianças e adolescentes de forma prestativa e atenciosa” (RABELO, 2013, p. 911).

Já visando a educação superior á uma maior concentração de homens lecionando, pois, a expectativa salarial tende a ser melhor e o cargo de lecionar na Educação de Universidades é vista com maior prestígio na sociedade. Conforme o Censo Escolar de 2020:

Brasil é um país de professoras: elas são 81% dos docentes de escolas regulares, técnicas e EJA, de acordo com dados do Censo Escolar de 2020. Apesar disso, as mulheres sofrem com a desigualdade de gênero. Em média, os docentes homens recebem 12% a mais que as mulheres. A disparidade de salários é causada principalmente pelo fato de as mulheres estarem mais presentes em níveis escolares mais baixos e regiões com salários menores. A presença de mulheres diminui à medida em que avança o nível das etapas de ensino. Mulheres correspondem a 96% dos professores da educação infantil. No ensino fundamental I e II, elas representam, respectivamente, 88% e 67% dos docentes. No ensino médio, o percentual diminui para 58%. (BRASIL, 2020, p. 38).

Atualmente as mulheres ainda são ainda sofrem com a desvalorização do Trabalho Docente, quando uma mulher tenta se especializar para trabalhar no ensino superior suas capacidades são questionadas por alunos e até mesmo professores do sexo oposto, por isso a maioria ainda se contenta apenas com o ensino Básico.

2.2 Motivos na qual o percentual de homens e mulheres não se igualarem na Educação

De acordo com Vivaldi (2015), devido a grande desvalorização da mão de obra docente e a baixa expectativa salarial os homens raramente optam por essa área de atuação, outro ponto importante é nesse percentual é, de acordos com pesquisas na grande maioria somente as mulheres terminam o ensino médio e superior, que é o necessário para a atuação em sala de aula, tradicionalmente os homens procuram trabalhos que necessitam um maior esforço físico ou é melhor reconhecido pela sociedade, devido a professora estar ligada á um trabalho maternal, até mesmo entre as mulheres já foi criado esse estereótipo de que serão sempre melhor atuando com crianças, assim que um homem tenta atuar em sala de aula com crianças e jovens, automaticamente é questionado sua idoneidade moral devido a figura masculina ser a primeira ligada a questões de assédio, e também sempre vítima de um preconceito sendo julgado sua sexualidade.

Reforça o autor:

Trabalhar com a higienização, alimentação, formação de valores e todos os aspetos que constituem uma Educação responsável e compromissada independe do sexo da pessoa. Uma formação sólida concede segurança e total habilidade ao profissional para lidar tanto nos momentos considerados pelas famílias como mais delicados – como as trocas higiênicas das crianças com deficiência, ou a higienização dos pequenos que ainda precisam da ajuda do adulto – quanto nos mais triviais da rotina escolar (VIVALDI, 2015).

Contudo independente do sexo ou estereótipo é necessário que um profissional para atuar em uma área da educação seja infantil ou superior esteja bem capacitado e ciente de suas responsabilidades profissionais, afinal ensinar vai além apenas de cuidar de crianças deve lhe serem repassados valores e uma boa formação para adentrar a sociedade (RABELO, 2013).

3 METODOLOGIA

Neste estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica, onde foi embasado em autores que expuseram suas teorias em livros, revistas e sites, sendo uma pesquisa qualitativa. Conforme Chenitz e Swanson (1986, p.14):

A Teoria Fundamentada em Dados é um processo sistemático de coleta e análise de dados qualitativos, que tem como objetivo gerar teoria explicativa, que possibilite a compreensão de fenômenos sociais e culturais. Enfatizam que os modelos conceituais ou teorias sobre as situações estudadas devem derivar-se de aspectos concretos obtidos de dados empíricos e não de modelos teóricos pré-existentes.

Primando por uma metodologia que atende-se o objeto do trabalho, utilizou-se uma pesquisa de campo, onde professores foram entrevistados por meio de um questionário semiestruturado, onde três professores responderam relatando suas vivências conforme perguntas propostas.

Segundo Gonsalves (2001, p. 67), “a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto com assunto”. O pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas ouvindo opiniões e registrando fatos.

Assim, nesse contexto científico, a pesquisa possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos, transpondo o reducionismo do empirismo. A realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados ao ouvir em campo os autores envolvidos no tema.

4- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizou uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com três professores que estão atuando em sala de aula. Sendo:

1) Quais as dificuldades enfrentadas no cotidiano como professor?

Professor A- *O maior empecilho são os adultos que estão em volta da sala de aula, desde os pais aos funcionários das escolas e creches. Desconfiam do caráter do professor e não acreditam em nosso profissionalismo.*

Professor B- *São várias, mas algumas que se destacam são: falta de apoio da coordenação pedagógica, diálogo entre a equipe escolar.*

Professor C- *Além de ser professor temos a cobrança de ser educador, psicólogo, fazer papel dos pais, ter que lidar com a fase comportamental na qual os pais não lidam de maneira correta e fica para escola fazer o papel de auxiliar nessa fase.*

Segundo Monteiro; Altmann (2014, p.730): [...] “a presença dos homens na docência na educação causou uma ruptura, ainda que de forma restrita, com noções de masculinidade evidenciadas na comunidade e com a expectativa de perfil do docente que optou por atuar na educação”.

2) Como são suas relações interpessoais no espaço escolar?

Professor A- *Após um período percebi que as desconfianças foram se amenizando. Porém, ainda há muito preconceito dos pais; e medo dos funcionários de serem responsabilizados por algo que um professor “homem” possa fazer que não seja adequado.*

Professor B- *Sempre foi boa, tive respeito de todos.*

Professor C- *A minha relação com os pais de alunos do fundamental anos iniciais quase não existe, já na educação especial a relação é muito boa.*

Desconfianças como esta, definem o preconceito posto pela sociedade perante o fato de ter um homem na Educação , — “Sob o pretexto de que as mulheres seriam aquelas que possuiriam sensibilidade maternal, existe a compreensão de que o cuidar e o educar [...] não são tarefas masculinas” (PAIXÃO; PACAHY, 2013, p.135).

3) Já sofreu algum constrangimento por ser homem no espaço?

Professor A- *Sim, vários pais se assustam ao me ver na sala de aula e me questiona minhas funções nas dependências. O maior questionamento é se eu dou banho nas meninas.*

Professor B- *Sim, por pessoas de minha família, amigos, ouvi muito que é uma “profissão de mulher”.*

Professor C- *Sim, por ser homem e por trabalhar na educação infantil sofremos sim preconceito, ainda, mas no início da carreira.*

4) Como lidou com este inconveniente?

Professor A- *De maneira bem calma e ignorando certas atitudes e comportamento, para contornar a situação, focando em amenizar a preocupação dos adultos, para não perder minha razão, mesmo eu sendo a vítima da situação.*

Professor B- *Tentava relevar e deixar para lá, pois o que importa é minha carreira e o amor pela minha profissão.*

Professor C- *Mostrando a forma como trabalho, mostrando que o homem pode sim, lidar com o cuidar, brincar e educar, sendo aberto com os pais sobre a forma como trabalho, ter uma boa relação com a equipe, mostrar minha capacidade e ter respaldo de uma boa coordenação, que seja uma coordenação que apoie e acredite no meu trabalho.*

Para confirmar esse pensamento trago a afirmação dos autores, descrevendo que:

[...] desde pequenos somos condicionados a fazer tudo o que a sociedade acredita que está politicamente correto, isto implica até na decisão sobre qual profissão se deve escolher, pois se as pessoas fogem aos padrões do que está indicado pela sociedade acaba por gerar estranheza. Como exemplo de estranheza, podemos mencionar o fato de um homem atuar como docente em turmas de crianças de 0 a 3 anos [...]. (GONÇALVES; PENHA, 2015, p. 176).

Considerando o posto, em vista dos argumentos apresentados, verificou-se que cada entrevistado demonstra vivências semelhantes frente às práticas pedagógicas, do dando a entender que na realidade ainda existe esse constrangimento em relação ao homem na educação, concluiu-se que a predileção pela feminização da docência é real e notada no dia a dia da equipe escolar, por pais e alunos, sendo assim, a pesquisa de campo trás a comprovação que homens vivenciam na prática esse preconceito e dificuldades por causa do seu gênero, acarretando na falta de docentes masculinos na área, pois enfrentar julgamentos cotidianos e dúvidas acerca do seu potencial pode ser desmotivador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos aspectos e ideias observados nesta pesquisa, notou-se que a inserção do homem no cenário da educação básica, se faz necessária para que haja a quebra do estereótipo em que, apenas a mulher deva assumir as práticas com crianças na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Na sociedade vigente difundir preconceitos é inadmissível, pois, no momento em que trata-se da trajetória dos docentes do sexo masculino, descobre-se que os mesmos sofrem discriminações e são severamente podados, e intitulados incapazes para desempenhar a função à qual foi habilitado, causando a desistência ou pouco acesso dos homens na sala de aula. Sendo assim, a escola é um ambiente capaz de contornar essas disparidades sociais, desde que, realize uma prática capaz de cultivar o respeito e a tolerância, valorizando o trabalho e as suas capacidades profissionais.

Conclui-se que o processo educacional se constitui de grande relevância na formação humana, produzindo e determinando consciência crítica ou podendo também reproduzir ideologias dominantes, que propagam ações de preconceito e discriminação, mas desta-se que todos os envolvidos devem lutar fortemente para a mudança deste paradigma.

REFERÊNCIAS

ABE, Stephanie. 8M: as mulheres na educação. Cenpec, 2021. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/8m-as-mulheres-na-educacao>. Acesso em: 21 set. 2022.

Araújo, Elcimara. Jorge, Thaís. Desvalorização salarial das profissionais da educação e a divisão sexual do trabalho. Mulher.pcdob, 2021. Disponível em: <https://mulher.pcdob.org.br/2021/03/15/desvalorizacao-salarial-das-profissionais-da-educacao-e-a-divisao-sexual-do-trabalho/> Acesso em: 21 set. 2022.

BAHLS, Diego Paiva Bahls (org). Onde estão os profissionais do gênero masculino na educação infantil? Reflexões históricas sobre a docência com crianças pequenas. Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020** : resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília : Inep, 2021. 70 p.

CARDOSO, Frederico Assis Cardoso. A identidade de professores homens na docência com crianças: *Homens fora do lugar*?. Belo Horizonte, MG:UFMG, 2004.

FEITOSA, Ana Regina Azevedo (2017). Quando o magistério passa a ser um trabalho de mulher: percursos e impasses. Revista *Jamaxi*, 1(1). Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/1432>> Acessado em De out. 2022.

GONÇALVES, Josiane Peres; PENHA, Natalia Ribeiro da. Professor homem na educação infantil: um olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de Pedagogia. Revista Zero-a-seis. v. 17 n. 32 (2015): jul./dez. 2015.

GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP. Alinea, 2001.

JACQUES, karina, Agelita Alice Jaeger(org). Masculinidades e Docência na Educação Infantil. São Paulo, SP, 2017.

MARTINS, Vicente. A lei de 15 de outubro de 1827. Revista eletrônica Direitonet. (2001). Disponível em < <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/482/A-lei-de-15-de-outubro-de-1827>> Acesso em 24 OUT. 2022.

MELO, Educadora ou tia: Os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professores (as) da educação infantil. São Luís: MA, UFMA, 2018.

MONTEIRO, Mariana Kubilius e ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. Cadernos de Pesquisa [online]. 2014, v. 44, n. 153 [Acessado 29 Outubro 2022] , pp. 720-741.

NACIMENTO, Maria Elaine Almeida do Nascimento (org). Gênero e docência: o Homem no magistério da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Processos e Políticas Campina Grande: Realize eventos, 2020.

NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva, Representação da docência feminina no início do século XX, RABELO, Oliveira Rabelo (org) Eu gosto de ser professor e gosto de crianças. Lisboa, Portugal, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2010

NACIMNTO, Francinaide. Representações da docência feminina no início do século XX. 2018.

NUNES, Patrícia Gouvêa Nunes (org) Docência e gênero: O professor homem na educação infantil. Rio Verde, GO Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, 2018.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. Educação e Pesquisa [online]. 2013, v. 39, n. 4, p. 907-925.

SOUZA, Andréa Rodrigues Souza (org). Educadora ou tia: Os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professores (as) da educação infantil. São Luís, MA:UFMA, 2018.

SOUZA; Andréia Rodrigues de; MELO, José Carlos de. Educadora ou tia: os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professoras (as) da educação infantil. **Revista Interação UFG**. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/download/48977/32790/>>. Acesso em: 18 outubro. 2022.

SOARES, Bianca Regina Soares (org). A feminização da docência na educação infantil e nos anos iniciais: Reflexões sobre gênero a partir do currículo do curso de pedagogia da UFSC. Florianópolis, SC:UFSC,2017) PIAZZETTA, Tamara. O Masculino na Docência da Educação Infantil e Anos Iniciais. Brasília: MAC, 1994.

SANTANA, A.; CRUZ, M. Relações de gênero, trabalho e formação docente: Experiências de mulheres da escola estadual professor valnir chagas, aracaju/se. Recife- PE, 2014.

XAVIER, Nubea Rodrigues, ALMEIDA, Bianca Camacho de. Homens na Educação Infantil: Reflexos Acerca da Docência Masculina. Dourados, MS, 2016.

VIVALDI, Flávia. Homens na Educação dos pequenos: Algum problema? Gestão escola, 2015. Blog - Aluno em Foco. Revista Nova Escola [on-line]. Disponível em: < <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/996/homens-na-educacao-dos-pequenos-algum-problema>>. Acesso em: 28 set. 2022.
